

REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Zélia Alves de Moura¹; Yanna Maria Guerra Soares²; Eliomar Araújo de Sousa³

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral (CE) – Brasil,
mi.mariazelia@gmail.com

²Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Santa Quitéria (CE) - Brasil,
mg7097401@gmail.com

³Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral (CE) – Brasil
eliomars014@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa a inserção de um professor da rede pública na Educação Infantil (EI), considerando sua atuação enquanto docente do sexo masculino em um espaço marcado pela predominância feminina. Com abordagem qualitativa, a pesquisa utilizou entrevista estruturada para compreender sua trajetória formativa e profissional, os desafios vivenciados no ingresso no Centro de Educação Infantil (CEI) e as percepções construídas acerca da presença masculina nesse contexto. Os resultados evidenciam que a docência masculina na EI ainda é atravessada por estereótipos de gênero, inseguranças e processos de validação profissional, mas também por possibilidades de acolhimento, reconhecimento e desconstrução de preconceitos. Conclui-se que a presença de homens nesse segmento pode ampliar as referências infantis sobre cuidado e docência, ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de ampliar os estudos sobre a temática, especialmente no contexto cearense.

Palavras-Chaves: Trabalho docente. Educação Infantil. Gênero.

Introdução

A Educação Infantil (EI) constitui-se como a primeira etapa da educação básica e, historicamente consolidou-se no Brasil como um espaço fortemente associado à presença feminina, sobretudo porque o cuidado e a educação das crianças pequenas foram socialmente vinculados à maternidade e a atributos considerados próprios das mulheres. Nesse cenário, a inserção de professores homens tende a provocar estranhamentos, revelando que a docência na infância é atravessada por representações de gênero que influenciam o acesso e permanência e desses sujeitos no cotidiano escolar.

Mais do que uma questão ligada apenas à escolha profissional, a presença masculina na EI mobiliza debates sobre identidade docente, relações de cuidado e divisão sexual do trabalho educativo. Estudos apontam que, ao mesmo tempo em que professores homens podem ampliar as referências infantis sobre cuidado, afeto e convivência, sua atuação ainda costuma ser tensionada por preconceitos que associam o trabalho com crianças pequenas a uma competência feminina, associadas intrinsecamente a questões biológicas ligadas ao materno.

Afinal, não é coincidência que essa etapa de ensino, durante muito tempo, foi identificada como maternal, denominação que contribuiu para reforçar a compreensão de que o cuidado com crianças pequenas seria uma atribuição própria das mulheres. Desse modo, investigar essa presença significa problematizar não apenas quem pode ensinar na infância, mas também como a escola produz, reproduz ou tensiona concepções historicamente cristalizadas sobre os papéis de gênero. É nesse horizonte que se insere a presente pesquisa, cuja problemática centra-se na seguinte questão: Como um professor homem da rede pública constrói sua trajetória de inserção e permanência na EI e de que maneira sua experiência evidencia desafios, tensões e possibilidades relacionados às relações de gênero nesse campo educacional?

Tal problematização parte do entendimento de que a presença masculina em instituições de EI não pode ser lida como um dado neutro, mas como fenômeno social e pedagógico que explicita disputas simbólicas em torno da docência, do cuidado e da legitimidade profissional. O lócus da pesquisa situa-se em um Centro de Educação Infantil (CEI) da rede pública do município de Sobral, Ceará, contexto relevante por integrar uma rede educacional reconhecida pela centralidade conferida às políticas e práticas educacionais e por abrigar experiências concretas de atuação docente na EI.

Quanto ao percurso metodológico, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, por buscar compreender significados, percepções e experiências construídas pelo participante em seu contexto de atuação (Gil, 2024). A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista estruturada, realizada através de um formulário digital com um professor da rede pública atuante na EI. Conforme Silva (2021), esse instrumento contribui para a organização da coleta e para a sistematização das informações produzidas na pesquisa qualitativa.

Metodologia

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como se constitui a trajetória formativa e profissional de um professor homem atuante na EI da rede pública, problematizando os desafios, as percepções e as relações de gênero que atravessam sua inserção e permanência nesse campo educacional. Como objetivos específicos, busca-se: 1º) Compreender de que maneira o docente percebeu, desde a formação inicial, os desafios de atuar na EI sendo homem, considerando os estereótipos e tensões que marcam esse espaço profissional; 2º) Identificar como sua experiência no CEI evidencia processos de aceitação, estranhamento e desconstrução de estereótipos de gênero nas relações estabelecidas com a instituição, com as famílias e com as crianças.

A entrevista com o professor: trajetórias, desafios e percepções na Educação Infantil

Na exposição dos resultados desta pesquisa, são consideradas as respostas do professor da rede pública de ensino entrevistado, cuja atuação na EI, enquanto docente do sexo masculino, permite problematizar questões relacionadas à docência, à identidade profissional e às relações de gênero nesse campo educacional. Serão apresentadas as questões feitas durante a entrevista, bem como as reflexões que seguem após cada uma delas.

Sendo assim, logo na primeira pergunta, que questionava se durante a graduação em Pedagogia o entrevistado já refletia sobre os desafios de ser professor de crianças na EI, ele respondeu: “sim, já que sempre soube das dificuldades de um homem adentrar a EI”. Essa resposta revela um aspecto significativo de sua trajetória formativa, pois indica que a docência com crianças pequenas não foi percebida por ele como uma atuação neutra ou desprovida de complexidades, mas como um campo atravessado por exigências específicas, tanto no plano pedagógico quanto no plano social.

O professor já reconhecia, ainda na graduação, que atuar na EI, sendo homem, seria como ingressar em um espaço profissional atravessado por estereótipos de gênero e resistências quanto à sua presença nesse nível de ensino. Vasconcelos *et al.* (2022, p. 3) reiteram em seus estudos que historicamente o homem “não tem características para lidar com as crianças na primeira infância”, o que reproduz a concepção de que a docência infantil só é possível para as mulheres, vez que biologicamente carregam consigo o instinto materno, enquanto os homens são caracterizados pela masculinidade viril (Vasconcelos *et al.*, 2022).

Na segunda questão que indagava como foi a entrada do Professor na EI e quais sentimentos e expectativas marcaram esse início, ele respondeu que:

Minha entrada se deu a partir de um processo chamado ampliação de carga horária. Sou professor efetivo 4 horas, e para conseguir as outras 4 é necessário participar de um processo seletivo, após a aprovação no processo, somos lotados de acordo com a necessidade das escolas e nesse último processo, a única disponibilidade era em CEI. Foi um início cheio de inseguranças, devido a minha experiência toda ter sido em fundamental e por ser homem, algo que não é natural em CEI, mas está fluindo perfeitamente (Resposta do Professor entrevistado a segunda pergunta).

A fala do entrevistado permite compreender que sua entrada na EI não ocorreu a partir de uma escolha particular, mas devido a um processo de ampliação de carga horária e da necessidade institucional da rede. O que evidencia uma trajetória marcada por deslocamentos profissionais e adaptações ao contexto de trabalho, sobretudo por se tratar de homem adentrando um espaço historicamente associado à presença feminina. Nesse interim, Santos (2021) dialoga que a presença de homens na docência da EI precisa ser compreendida a partir das relações de gênero que organizam esse campo profissional.

Ao discutir a inserção masculina nesse segmento, o autor evidencia que não há um percurso único para esses profissionais, mas sim uma gama de experiências, marcadas tanto por escolhas pessoais ou vocação quanto por circunstâncias institucionais, o que dialoga diretamente com o relato do entrevistado desta pesquisa. Apesar dessa diversidade de trajetórias, a literatura aponta que existem elementos comuns na inserção dos homens nesse espaço profissional, entre eles, destaca-se o estranhamento que acompanha sua chegada às instituições de EI.

O ingresso e a permanência desses professores são frequentemente marcados por dificuldades decorrentes de noções hegemônicas de masculinidade, o que reforça a compreensão de que a experiência do entrevistado não é isolada, mas se insere em uma problemática ampla e recorrente nos estudos sobre o tema (Santos, 2021). Desse modo, ao afirmar que esse início foi “cheio de inseguranças”, o participante também torna visível um aspecto recorrente nas pesquisas sobre homens na docência na EI, a entrada nesse campo costuma ser acompanhada por tensões que extrapolam o fazer pedagógico propriamente dito.

Ramos (2017 *apud* Santos, 2021) faz uma analogia do estágio probatório, momento em que o docente recém concursado é avaliado quanto à sua eficiência para o cargo, com o estágio comprobatório, sendo esse um tempo, sem fim pré-estabelecido, em que os professores, especialmente os homens, precisam comprovar continuamente que possuem habilidades para cuidar e educar as crianças, bem como demonstrar que são sujeitos moralmente idôneos e que não representam risco à integridade física e sexual dos meninos e meninas. Tal formulação evidencia que, para além das exigências profissionais comuns à carreira docente, os homens que atuam na EI enfrentam um processo adicional de vigilância e validação, atravessado por estereótipos de gênero.

Além das questões de gênero, a insegurança relatada pelo entrevistado também pode ser compreendida à luz da mudança de etapa de ensino, uma vez que sua experiência anterior estava centrada no Ensino Fundamental (EF), exigindo dele a construção de novas formas pedagógicas voltadas às especificidades da infância. Esse aspecto é evidenciado na terceira pergunta, quando, ao ser indagado sobre os desafios enfrentados por ser homem na sala de aula da EI, o professor destaca que sua maior dificuldade foi encontrar uma “linguagem ideal para a comunicação efetiva com as crianças”.

Nesse sentido, a dificuldade apontada pelo entrevistado aproxima-se da compreensão de que, na EI, o trabalho docente exige do professor sensibilidade para interpretar e dialogar com as múltiplas formas de expressão infantil, considerando que a comunicação nessa etapa não se limita à oralidade formal, mas envolve gestos, entonações, silêncios, brincadeiras e interações cotidianas. Outrossim, é importante destacar que como o professor passa por o período de

comprovação da sua prática docente, ele precisa cotidianamente “reconhecer e mapear o modus operandi de seu acesso e permanência nesta etapa da educação básica” (Silva *et al.*, 2023).

A linguagem e permanência são assim dimensões interligadas, já que se comunicar adequadamente com as crianças é também uma forma de afirmar sua legitimidade profissional no cotidiano da instituição, bem como uma oportunidade de apresentar aos discentes outras referências de convivência, atrelando a perspectiva do cuidado inerente ao homem, e não só ao sexo feminino. Na 4ª (quarta) questão da entrevista que questionou se em algum momento, o docente percebeu que sua identidade de gênero provocou reações diferentes por parte das crianças ou de seus familiares; ele respondeu que: “Tanto eu quanto a escola achamos que seria uma barreira, inclusive, foi necessária uma reunião de pais para minha apresentação e explicação de minha estadia na escola, mas, contrariando nossas expectativas, a aceitação foi super bem sucedida, tanto pelas famílias, quanto pelas crianças” (Resposta do professor entrevistado a quarta pergunta).

Ao afirmar que tanto ele quanto a própria escola acreditavam que sua presença poderia gerar resistência, o professor evidencia que o estranhamento diante do homem na EI não é limitado ao plano individual, mas estendido também ao locus das instituições de ensino e da família. A necessidade de realização de uma reunião de pais para apresentar ele e justificar sua permanência na instituição revela que sua inserção foi de modo cauteloso, salientando a preocupação em assegurar aceitação e confiança por parte da comunidade escolar.

Esse dado é bastante significativo, pois evidencia que, antes mesmo do estabelecimento de vínculos concretos com as crianças e suas famílias, a presença masculina já era percebida como algo potencialmente problemático. Em outras palavras, a identidade de gênero do docente antecede sua prática e, de certo modo, condiciona os olhares que recaem sobre ela. Nessa óptica, fazer uma reunião de apresentação do docente foi uma medida significativa para que “o professor construa um sólido canal de comunicação com os familiares do seu aluno, para que possa cada vez mais se aproximar da criança”, bem como para antecipar eventuais estranhamentos com a presença do docente na escola (Silva; Oliveira, 2023, p. 7).

Os laços entre o professor e a família são muito importantes para garantir uma continuidade no processo formativo dessas crianças, vez que a EI se constitui como uma etapa em que a aprendizagem se desenvolve de forma articulada entre diferentes espaços de convivência, especialmente na escola e no ambiente familiar. A construção de uma relação de confiança entre o docente e os responsáveis é fundamental para que a presença do professor homem seja compreendida para além dos estereótipos que historicamente marcam esse campo de atuação (Vasconcelos *et al.*, 2022).

Na resposta do professor inferimos também a surpresa tanto dele quanto da escola em ter um docente homem atuando na EI como ele ressalta ao dizer que sua aceitação positiva contrariou tanto as expectativas dele, quanto da própria escola. Nessa direção, a experiência narrada pelo professor sugere que a relação entre família e escola funciona como elemento central no processo de desconstrução de preconceitos de gênero. Quando os familiares têm a oportunidade de conhecer o docente e acompanhar de perto sua atuação no cotidiano escolar, a identidade de gênero deixa de ser uma barreira e abre espaço para que outros aspectos passem a orientar a percepção sobre seu trabalho.

Sob essa ótica, a boa receptividade das famílias e das crianças também pode ser lida como um indício de que a presença masculina na EI produz deslocamentos simbólicos importantes. Percebe-se, na literatura sobre docência masculina na EI, que a presença de homens nesse segmento “permite lançar luzes sobre os modos pelos quais as crianças percebem e significam as representações de gênero que emanam de tais relacionamentos sociais” (Santos, 2021, p. 8). Sendo assim, a atuação do professor homem pode contribuir para ampliar as percepções infantis acerca dos papéis de gênero, ao mostrar, na prática, que o sexo masculino também pode se expressar por meio do cuidado, do diálogo e da responsabilidade educativa.

Ao ser acolhido em um espaço tradicionalmente feminizado, o professor passa a representar, para a comunidade escolar, uma possibilidade concreta de ampliação das referências de cuidado e educação evidenciando que o trabalho com crianças pequenas não é uma atribuição natural das mulheres, mas uma prática profissional que pode ser desenvolvida por diferentes sujeitos, desde que comprometidos com as demandas pedagógicas e relacionais dessa etapa (Almeida; Farias; Furlan, 2025).

Assim, “[...] as representações de gênero colocam-se como dimensão estruturante das relações sociais” (Santos, 2021, p. 8), de modo que a presença do professor homem na EI possibilita às próprias crianças perceberem o sexo masculino sob a ótica do cuidado. Nessa perspectiva, a convivência cotidiana com esse docente favorece a ampliação das referências infantis acerca dos papéis de gênero, contribuindo para a ruptura de estereótipos historicamente construídos, no qual o cuidado com crianças pequenas seria uma atribuição exclusivamente feminina.

Por conseguinte, na 5ª (quinta) pergunta da entrevista, em que foi questionado se, em sua percepção, as políticas públicas sobralenses contemplam de forma adequada a diversidade de gênero, o professor respondeu que sim, sinalizando que reconhece no âmbito local condições institucionais favoráveis à sua atuação e permanência na EI. Apesar da resposta curta do docente foi possível perceber que ela deve ser analisada à luz da sua própria experiência, caracterizada especialmente pelo acolhimento da instituição e da comunidade familiar.

Nesse sentido, sua resposta sugere que, do ponto de vista da vivência cotidiana, há elementos na rede que favorecem o exercício profissional de homens na EI. Entretanto, essa percepção também precisa ser analisada de forma crítica, uma vez que contemplar a diversidade de gênero por meio de políticas públicas não significa apenas permitir a presença de homens na EI, mas garantir condições concretas de permanência e reconhecimento profissional, sem que essa presença seja constantemente atravessada por suspeitas, estereótipos e processos extras de validação.

Santos (2021) problematiza que não basta inserir homens na docência com crianças como forma de produzir uma política de equidade de gênero. Para o autor, o enfrentamento dos preconceitos baseados em diferenças de gênero exige que todos os sujeitos envolvidos no contexto educacional se reconheçam como agentes de mudança.

Para combaterem-se preconceitos baseados nas representações de gênero, não basta somente assegurar a presença de professores homens na educação e nos cuidados desenvolvidos no âmbito da educação infantil; não basta ser homem ou mulher, pois, para além da condição humana, é necessário que o respeito às diferenças — de qualquer natureza — seja uma discussão permanente em qualquer uma das etapas de formação das pessoas (não apenas no âmbito da educação escolar), mas que seja, sobretudo, um debate constante na educação infantil. Nesse processo, faz-se necessário que todos e todas, indistintamente, tanto homens quanto mulheres, estejam imbuídos/as do desejo de mudança e reconheçam-se como sujeitos implicados em processos de transformação social, especialmente aqueles referentes à construção, à desconstrução e à reconstrução das relações sociais de gênero (Santos, 2021, p. 15-16).

A resposta positiva do entrevistado quanto às políticas públicas sobralenses não deve ser interpretada como evidência de que a simples presença de homens na EI seja suficiente para assegurar a equidade de gênero. Como problematiza Santos (2021), não basta inserir professores homens na docência com crianças como forma de produzir uma política de equidade, é necessário que o enfrentamento dos preconceitos baseados em representações de gênero constitua discussão permanente nos processos formativos e nas práticas institucionais. Nessa direção, a sexta questão da entrevista aprofunda um desdobramento fundamental das reflexões anteriores, já que ao ser questionado se acredita que sua presença contribui para desconstruir estereótipos de gênero na infância e de que maneira isso ocorreria, o entrevistado respondeu: “Sim. Hoje temos apenas 2 professores na educação infantil em todo o território sobralense, eu e outro colega, e a partir da nossa vivência, experiência, resultados vamos desconstruindo os estereótipos” (Resposta do Professor a 6º pergunta).

A fala do professor evidencia que ele reconhece sua presença na EI para além de um mero exercício profissional, sendo essa também uma experiência com potencial de produzir deslocamentos nas representações de gênero construídas socialmente (Almeida; Farias; Furlan, 2025). Ao afirmar que, em todo o território sobralense, há apenas dois professores homens

atuando na EI, o docente chama atenção para o baixo número de profissionais na escola, uma vez que somente na escola em que ele trabalha atuam mais de 15 professoras¹, o que por si só já revela a permanência de uma estrutura educacional fortemente marcada pela feminização do cuidado e da docência na primeira infância.

Portanto, ao destacar que é por meio da “vivência, experiência e resultados” que os estereótipos vão sendo desconstruídos, o entrevistado sugere que esse processo não ocorre de modo imediato, mas se constrói no cotidiano das relações estabelecidas com as crianças, bem como com suas famílias e comunidade escolar. Sua fala indica que a desconstrução dos estereótipos de gênero não depende apenas da presença física do homem no espaço da EI, mas da forma como ele atua pedagogicamente, articulando o binômio cuidar e educar e fomentando prática internacionalizadas.

Essa compreensão dialoga com a literatura anteriormente discutida, sobretudo com Santos (2021), ao demonstrar que a presença masculina na EI pode lançar luz sobre os modos pelos quais as crianças atribuem as representações de gênero que emergem das relações sociais vividas no interior da instituição. Assim, quando um professor homem ocupa esse espaço de maneira sensível ele oferece às crianças outras possibilidades de compreender o papel do homem, distintas das representações hegemônicas baseadas apenas na autoridade, na rigidez ou no distanciamento afetivo.

No cotidiano escolar, é recorrente que as demandas relacionadas ao acompanhamento da vida infantil sejam assumidas majoritariamente pelas figuras maternas, enquanto a presença paterna aparece, em muitos casos, de modo menos visível (Assis, 2023). Esse aspecto reforça a permanência de uma divisão sexual do cuidado. Além disso, a fala do entrevistado evidencia que o simples fato de homens atuarem na EI, ainda que em número reduzido, já tensiona expectativas historicamente cristalizadas sobre quem pode ou deve ocupar esse lugar.

Ao mencionar que são apenas dois professores homens em todo o território sobralense, o docente expõe o quanto sua presença ainda é minoritária. Contudo, ao mesmo tempo, revela que justamente essa condição minoritária pode produzir impacto simbólico, uma vez que ela torna visível para crianças e adultos que o cuidado com a pequena infância não é atributo exclusivo das mulheres. Sua atuação contribui para tensionar concepções historicamente naturalizadas sobre os papéis de gênero e para ampliar as referências sociais sobre o cuidado na EI.

¹ Coleta realizada mediante uma visita de campo ao CEI em que o docente trabalha.

Por fim, na última pergunta da entrevista que questionava: Que mensagem você deixaria para outros homens que desejam ingressar na área, mas sentem medo ou insegurança?, o professor respondeu que a mensagem que deixava era para que os estudantes homens enfrentem o desafio, mesmo com medo, uma vez que eles têm muito a contribuir na formação das crianças pequenas. O docente ressalta acima de tudo que o medo não é limitante, então devemos acreditar no nosso potencial formativo adquirido através da graduação e seguir em frente para lidar com os desafios intrínsecos a profissão.

Ao incentivar outros homens a enfrentarem o desafio da docência na EI, mesmo diante do medo e da insegurança, o professor reconhece que tais sentimentos fazem parte do percurso, mas não devem ser compreendidos como impedimentos definitivos para o ingresso na área. Sua fala sugere, portanto, que o temor inicial pode ser ressignificado a partir da experiência concreta de atuação na educação. Destacando que "o que caracteriza um professor apto ou não para ensinar e atuar em sala de aula é a formação teórico-prática e não instintos ou o gênero com o que o profissional se identifica (Silva; Oliveira, 2023, p. 12).

Nesse sentido, a mensagem deixada pelo entrevistado revela um movimento importante de transformação subjetiva, pois o professor que, no início da entrevista, relatava ter consciência prévia das dificuldades de um homem adentrar a EI, passa agora a ocupar um lugar de encorajamento e afirmação profissional. Evidenciando que sua trajetória é um processo de fortalecimento identitário e de reconhecimento de sua própria potência formativa. Essa compreensão dialoga com Pimenta (2019), ao evidenciar que a identidade docente não é algo pronto ou natural, mas um processo em contínua construção, tecido na articulação entre formação, prática e reflexão crítica sobre a própria ação pedagógica.

Além disso, ao afirmar que os homens têm muito a contribuir na formação das crianças pequenas, o docente confronta diretamente uma concepção histórica que tende a restringir a docência na EI ao universo feminino. Sua resposta sugere que a contribuição masculina na educação não deve ser pensada em termos de substituição ou superioridade em relação ao trabalho das mulheres, mas como ampliação das possibilidades educativas presentes no cotidiano escolar. De acordo com Silva e Medeiros (2022, p. 27):

A falta de figura masculinos na escola é uma perda, pois nos primeiros anos de criança, ela começa a desenvolver seus fundamentos psicológicos, emocionais, sociais e cognitivos. Em suma, quanto mais professores homens surgissem nesse campo profissional, melhor seria para a equidade de gêneros e desconstrução dos referenciais, promovendo assim, permanente ressignificação de espaços e papéis sociais.

Nessa perspectiva, a fala final do professor também pode ser interpretada como um gesto político e simbólico de abertura de caminhos para outros homens que, por medo ou receio do

juízo social, hesitam em ingressar na EI. Assim como Almeida, Farias e Furlan (2025) destacam que muitos profissionais homens desistem dessa etapa da educação por não se verem representados; a vivência compartilhada pelo entrevistado funciona justamente como uma nova referência possível.

Considerações Finais

As análises desenvolvidas nesta pesquisa evidenciam que a inserção de um professor homem na EI não se reduz a uma experiência individual de exercício profissional, mas revela tensões mais amplas relacionadas à docência, à legitimidade pedagógica e às representações de gênero que organizam esse campo educacional. A entrevista mostrou que, desde a formação inicial, o participante já reconhecia que sua atuação seria atravessada por desafios específicos, o que demonstra que a entrada masculina nesse segmento continua sendo percebida como algo que exige não apenas preparo pedagógico, mas também disposição para lidar com barreiras simbólicas e sociais que antecedem a própria prática docente.

Ao longo de sua trajetória, observou-se que o ingresso no CEI foi marcado por inseguranças associadas tanto à mudança de etapa de ensino quanto ao fato de ser homem em um espaço tradicionalmente feminizado. Nesse sentido, a necessidade de construir uma linguagem adequada para se comunicar com as crianças, estabelecer vínculos e afirmar sua presença no cotidiano institucional revelou que a permanência na EI demanda um processo contínuo de aprendizagem profissional, no qual ensinar e cuidar aparecem como dimensões inseparáveis da ação docente. Mais do que dominar conteúdos ou rotinas, o professor precisou elaborar modos de estar com as crianças que legitimassem sua atuação diante de si mesmo e dos outros sujeitos da comunidade escolar.

Outro aspecto relevante diz respeito à forma como a recepção das famílias e da escola se constituiu como elemento decisivo nessa experiência. Embora houvesse a expectativa inicial de resistência, os dados apontam que o acolhimento construído no cotidiano contribuiu para deslocar percepções marcadas por preconceitos e ampliar a confiança em torno do trabalho desenvolvido pelo docente. Isso sugere que a aproximação entre professor, instituição e responsáveis pode favorecer estereótipos já desenvolvidos que vinculam o cuidado infantil exclusivamente ao feminino, permitindo que outras referências de convivência e educação se tornem visíveis para as crianças.

Também se destacou, nesta pesquisa, que a baixa presença de professores homens na rede não deve ser lida apenas como dado quantitativo, mas como expressão de uma organização ainda marcada pela feminização da docência com crianças pequenas. Ao afirmar que sua atuação,

somada à de outro colega, já contribui para desconstruir estereótipos, o entrevistado indica que a transformação das representações de gênero não ocorre por discursos abstratos, mas pela experiência concreta, reiterada e socialmente observável de homens comprometidos com o cuidado, com a escuta e com a formação infantil. Assim, sua presença no CEI adquire valor pedagógico e simbólico, pois amplia as possibilidades de leitura sobre quem pode ocupar esse lugar profissional.

Por fim, a fala do professor ao encorajar outros homens a ingressarem na área permite compreender que sua trajetória produziu não apenas adaptação ao contexto de trabalho, mas também fortalecimento de sua identidade docente. Ao longo da entrevista, o participante deixa de se posicionar apenas como alguém que reconhece dificuldades e passa a se afirmar como profissional capaz de contribuir significativamente para a EI, o que reforça a compreensão de que a docência se constrói na articulação entre formação, experiência e reflexão sobre a prática. Desse modo, esta pesquisa aponta que discutir a presença masculina na EI é discutir, em última instância, a defesa de uma escola mais plural, na qual o direito de educar e cuidar não seja restringido por estereótipos de gênero, mas sustentado pelo compromisso ético, relacional e pedagógico com as crianças.

Contudo, embora a produção acadêmica recente já apresente contribuições relevantes e mais consistentes sobre a presença de homens na EI, ainda permanecem insuficientes os estudos que se dedicam a analisar, de forma mais aprofundada, as perspectivas dos próprios professores, das crianças e da comunidade escolar acerca dessa inserção. Essa lacuna torna-se ainda mais expressiva no contexto cearense, onde seguem escassas as pesquisas que investigam, de maneira situada, como tais relações são vividas e significadas no cotidiano escolar.

Cabe ressaltar, ainda, que a experiência discutida neste estudo corresponde a uma percepção singular, construída a partir da trajetória de um professor específico, o que impede qualquer pretensão de generalização. Ainda assim, justamente por dar visibilidade a uma vivência concreta, esta pesquisa evidencia a urgência de ampliar, tanto no Ceará, quanto em outras localidades do Brasil, investigações que escutem os sujeitos, de modo a compreender com maior densidade os desafios que implicam a sua prática docente.

Referências

ALMEIDA, Jason Dutra de; FARIAS, Eduardo Augusto; FURLAN, Marta Regina. Homens na educação infantil: preconceitos e dificuldades na condição docente. **Educação em Revista**, Marília, SP, v. 26, p. e025012, 2025. DOI: 10.36311/2236-5192.2025.v26.e025012. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/17073>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ASSIS, Jonyelson Silva Ribeiro e. **Cores de uma colcha de retalhos**: a presença de professores homens na educação infantil da Paraíba. 2023. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27530>. Acesso em: 13 mar. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PIMENTA, S. G. **As ondas críticas da didática em movimento**: resistência ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal. In: SILVA, M.; ORLANDO, C.; ZEN, G. (org.). Didática: abordagens teóricas contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2019. 336 p. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30770>. Acesso em: 7 jan. 2026.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. **Homens na docência da educação infantil**: uma análise baseada na perspectiva das crianças. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 26, e260077, 2021. Available from http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782021000100251&lng=en&nrm=iso. access on 13 Mar. 2026. Epub Oct 28, 2021. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782021260077>.

SILVA, Andrialex William da; OLIVEIRA, Manoilly Dantas de. O homem na educação infantil: reflexões sobre as relações criadas na escola. **Interfaces Científicas - Educação**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 212–225, 2023. DOI: 10.17564/2316-3828.2023v12n1p212-225. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/10476>. Acesso em: 13 mar. 2026.

SILVA, Janailsom Nunes da; ALMEIDA, Giselliane Medeiros. Homens atuam na educação infantil? Um estudo de caso a partir do acesso, permanência, evasão e atuação do docente masculino. **Revista Rios** - Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco, Paulo Afonso, BA, 2022. Disponível em: <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios>. Acesso em: 13 mar. 2026.

SILVA, Lorrane Stéfane. Entrevista na pesquisa em educação de abordagem qualitativa: algumas considerações teóricas e práticas. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 110-122, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/46>. Acesso em: 18 fev. 2026.

SILVA, Renan Mota et al. Há acesso para professores homens na educação infantil?. **Eccos Rev. Cient.**, São Paulo, n. 66, e22845, jul. 2023. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-92782023000300103&lng=pt&nrm=iso. acessos em 13 mar. 2026. Epub 19-Fev-2024. <https://doi.org/10.5585/eccos.n66.22845>.

VASCONCELOS, Dalila Castelliano; CAVALCANTI, Larissa Kelly Vasconcelos; NASCIMENTO, Livia Chaves; SOUZA, Maria Natânye Silva. Educadores Homens na Educação Infantil: revisão sistemática da produção mundial de artigos empíricos. Perspectivas em Diálogo: **Revista de Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 9, n. 20, p. 8–28, 2022. DOI: 10.55028/pdres.v9i20.15263. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/15263>. Acesso em: 13 mar. 2026.